

BARCELLOS

LARCHER MARÇAL

Director

Patriótica, Sportiva e Recreativa

REVISTA

Proprietario-Administrador—A. CARDOSO

Redacção e administração — R. D. ANTONIO BARROSO, 22

Assignaturas — Barcellos, 2 n.ºs, 100 rs. — Fóra de Barcellos, 12 n.ºs, 700 rs.

Comp. e impressão — *Typ. Minerva* — FAMILICÃO**O nosso ideal**

NINGUEM pode contestar, que Barcellos pela sua magnifica situação geographica, riqueza dos solos do seu concelho, amenidade do seu clima e suas bellezas naturaes, devia prender e captivar os seus filhos, dando-lhes forças para resistir contra a enercia, que lhes entorpece os movimentos.

Todo este conjuncto, devia fazer despertar um sentimento patriótico mais elevado; porque Barcellos tem por direito e dever, occupar um plano não inferior a muitas cidades.

O concelho de Barcellos é sem duvida um dos concelhos mais populosos, e como tal contribue para o estado mais do que qualquer outro; é por isso de justiça que não seja despresado.

Trabalheemos todos para a realisação do mesmo fim, unamo-nos num só movimento e procuremos levantar Barcellos, dotando-o com melhoramentos de reconhecida utilidade publica.

Para satisfazer aos requisitos d'uma villa moderna, precisa proseguir n'uma marcha mais apressada e de maior alcance, porque sobre qualquer ponto de vista que se examine, vamos ainda encontrar muitas deficiencias.

Temos ruas a modificar, avenidas a traçar, edificios publicos a levantar, tractar da iluminação, jardinagem, hygiene e saneamento, creação d'uma escola industrial e lyceu, distribuição de escolas primarias pelas freguezias mais necessitadas, etc., etc.

Sabemos perfeitamente que estas despezas, não estão nas posses de qualquer camara, porque já está bastante sobrecarregada, com grande numero de despezas a que tem de fazer face.

Somos cercados por cidades e villas, que devido ao seu esforço e perseverança, se têm levantado e prosperado em peores meios e inferiores condições.

Haja pelo menos para melhoramentos d'esta ordem a coesão de todos os elementos partidarios; fundam-se todos n'uma só vontade e faça-se por alcançar dos governos, os melhoramentos a que Barcellos tem direito.

PICCOLEZZÈ**C.M.B.
Biblioteca**

Modestas notas sobre linguagem

I

GUISAMENTOS

No n.º 15:524, de 4 de fevereiro do corrente anno, do *Diario de Noticias*, na sua secção «Falar e Escrever», a cargo do autorizado e consagrado mestre, o sr. dr. Candido de Figueiredo, lia-se :

«Do *Escrivão da Irmandade*. Vejo no orçamento de uma irmandade uma verba em que se diz : *Para guisamentos e alfaias* 50\$000 réis. Que é aquillo de *guisamentos* ?

Guisamentos são alfaias de igreja. Portanto na tal verba ha redundancia de expressão, se os mesarios da irmandade não dão aos guisamentos outra expressão que elles lá sabem.

Dirija-se a elles, e diga-me depois o que pensam, se pensam».

Em tempos já bem longe idos—ai de mim!—houve annos em que me passaram pelas mãos dezenas e dezenas de orçamentos de confrarias, e raros eram d'entre elles os que no capitulo das despezas não mencionassem verbas destinadas quer a alfaias e guisamentos quer só a guisamentos.

Sem que por então consultasse dictionario algum da nossa lingua sobre a significação e sentido a dar a esta palavra, fiquei tendo de mim para mim, que era ella attribuida ás despezas ou gastos necessarios em as cousas consumiveis, indispensaveis ao culto, de uma imagem, capella ou igreja, ou ainda para serviços transitorios a elles

respectivos como lavagem de roupas e outros correlativos, e n'esta persuasão estive até hoje, em que a resposta acima transcrita, dada pelo sr. dr. Candido de Figueiredo, me fez vacilar sobre ser ou não ser um erro esse meu pensar.

Dei-me, por isso e para me tirar da duvida em mim suscitada em tal modo, dado logo á consulta de varios dictionarios que havia a mão, e verifiquei que se alguns de elles dão á palavra *guisamentos*, com referencia ao culto divino, apenas a significação de alfaias e utensilios (moveis, trastes, ornatos), outros lhe dão genericamente a de aparelhos e ainda preparos, e outros em cujo numero a 1.^a e 2.^a edição de Moraes, attribuindo-lhe a designação de aparelho acrescentam: «V. G. para o serviço de uma igreja, como velas, hostias, vinho &c.», sem referencia expressa a alfaias e utensilios.

Que concluir d'aquí, sendo Moraes um mestre consagrado?

Lisboa, 4 de fevereiro de 1909.

RODRIGO VELLOSO.



O Paraiso Barcellos

CORAÇÕES santos, corações lindos, — pan-deiro e fruta, vamos folgar!

Por mim chamaram, de mim exigem lendas de fadas, canções d'amôr.

Onde me encontro?

No Paraiso! Todos me dizem que isto é Barcellos!

Os meus sonhos d'amôr e ventura ahi nasceram! Como é grato ao meu coração vêr raiar mais um facho de verdade, mais um testemunho de illustração, mais um paladino da Imprensa!

Quereis um balsamo para a saudade? — Debruçae-vos na Ponte vendo correr as agnas do Cavado!

Quereis entreter amôres? — Ide ouvir a voz argentea das raparigas, lavando á margem do rio!

A febre devora-vos n'uma sède abraçadora? — Correi á fonte de Ninães, e na gelante pureza da sua bica haveis de lêr tradições honrosas!

O vosso espirito encaminha-se para o azul do firmamento? — Quando não baste, aqui, a crença da Santa Cruz, ha allí a Franqueira, para vos guindar ao céu da felicidade christã!

No vosso peito ha desalentos pelo modo como a Patria tem sido governada? — Lêde nos alicerces do Castelló de Faria como deveis aprender as virtudes civicas, e no vosso peito pulsará um coração de antigo portuguez d'antes quebrar que torcer.

Mas se tendes adentro d'alma a paixão que vos domina, ha-de ser á sombra dos salgueiraes que as alleluias d'oiro, as sonatas do amôr, o livro branco das nossas illusões ha-de ter palacios de prata fina, pretos de lingua cortada, sorrisos cheios d'encantos d'essas meninas tão lindas, filhas queridas tão bellas d'esse ditoso Barcellos.

N'esta villa de trovadores enamorados está a joalheria d'este Minho sorridente. Isto é, joalheria do nosso apaixonado coração: anjos de olhar coruscante, cabellos tão bem toucados, bocas de perolas tão brancas, labios tão finos rosados, cutis macia e mimosa, braço roliço tão rijo, pé tão gracil e bem posto, tão pequenino e bem feito, que na Turquia ou na China não ha coisa tão catita para fazer tremeliques nos nervos do coração!...

Foi uma d'essas fadas, mais linda do que as bellezas orientaes, e mais rica do que as estrellas da Barca-Grande, que embalsamou a minha vida, que encheu de grinaldas de açucenas o meu coração enamorado, que balsaminou a minha alma com as mais excelsas virtudes do seu coração de pomba branca como a brancura das neves quando tingem os montes que circumdam esta Princeza do Cavado!

Porisso é com indizível prazer que corro com minha prosa esconça para engrossar o côro d'aquelles que em arroubos de patriotismo desejam e querem enaltecer as bellezas de Barcellos que nós doidamente e cegamente adoramos, contribuindo para que n'esta *Revista* fique a parcella fertilisante d'uma seiva promettedora de fructos saborosos e appetecidos.

Não acham boa-vontade?

Ai! céus! Longe da Patria que bom que é isto! Que de saudades pelos Brazis! Minhas senhoras e meus senhores: — perdão! eu côro, já principio...

Povoa de Varzim, 10—Março—09.

CANDIDO LANDOLT.



Collaboradores

Actualmente, este quinzenario illustrado conta com a collaboração distincta e para nós muito honrosa dos seguintes cavalleiros, a quem muito agradecemos o terem annuido ao nosso convite:

Drs. Antonio Ferraz, Rodrigo Velloso, Martins Lima, Belleza dos Santos, Joaquim Paes, e Reis Maia, João de Lebre e Lima, Antonio Azevedo, Arnaldo Braz, Alvaro Pinhoiro, Placido Lamella, Abbade Antonio Paes, Candido Landolt, J. Vieira, Hercula no Nunes e José Vieira Velloso.

Genese das Estrellas

*Deus quiz officiar na Cathedral do Azul.
E logo o bom Rabbi, com devotos fervores,
Para o norte e p'ra o sul
Mandou embaixadores
A convidar o Olympo. As toilettes, é claro,
Seriam a rigor. Um luxo extranho e raro
Brilharia na festa.*

*Algum tempo passou,
'té que o celebre dia afinal despontou.*

* * *

*P'las estradas do céu, cheias de poeira d'astro,
Vêm os santos a rir e as santas d'alabastro,
Aureoladas de luz, a lér nos Evangelhos,
Deslizando por sobre uns tapetes vermelhos
De purpura imperial.*

*A' porta da solemne e austera cathedral,
Dois anjos, a brincar, jogam as escondidas;
E o pallido Jesus, com manciras polidas,
Recebe os convidados.*

*Os meninos do côro—os archanjos alados—
Bebem, n'uma taberna, o nectar capitoso,
E um loiro cherubim, babando-se de góso,
Chupa tranquillamente um cigarro barato
De petalas de cacto.*

* * *

*Duas horas. O sol, de cara barbeada,
Embebedá com luz as pedras da calçada,
E lá de quando em vez lança um furtivo olhar
A' lua, no seu manto azul a dormir.*
*Dentro do adro, junto ao portico ogival
Da velha cathedral,*

(Do «Primeiro Livro» inedito)

A' Senhora D. Maria Rita de la Cueva

*Um jumento pequeno e d'olhar carinhoso
Espera S. José, e o cão malicioso
Do austero S. Roque o amigo mais leal,
Diverte-se a morder as pernas do animal.
Subitamente no ar estruge o carrilhão.
Terminára o officio. E a santa multidão
Espalha-se pelo adro a discutir a festa.*

S. Pedro limpa o suor da veneranda testa.

*N'um grupo de má lingua, o bom Ezechiel
Diz que santa Izabel
Fuzera pós d'arroz e santa Magdalena,
Com toda aquella casta apparencia eserna,
Que lhe é peculiar, ai que grande vaidosa!
Na trança, vejam lá!, collocara uma rosa!*

*N'isto apparece Deus na branca escadaria
Da cathedral celeste, e a santa confraria
Ajoelha de repente aos pés do Creator.
Com humildade, então, Jesus, Nosso Senhor,
Apresenta a seu Pae um hyssope brilhante,
Talhado n'um diamante,
Com o qual este asperge a sacra reunião.
E no mesmo momento, oh! céus!, se viu então
Essas gottinhas d'agua, auroreaes, singellas,
Fugirem pelo espaço e tornarem-se estrellas!*

*E agora pelo céu, cheio de poeira d'astro,
Vão os santos a rir e as santas d'alabastro,
Aureoladas de luz, a lér nos Evangelhos,
Deslizando por sobre uns tapetes vermelhos
De purpura imperial...*

JOÃO DE LEBRE E LIMA.

SABE? O rancho das lavradeiras vae photographado no proximo n.º do *Barcellos-Revista*, disse um dos directores do apreciavel quinzenario.

—Escreva qualquer coisa para acompanhar, recommendou.

Eu bem quero desempenhar-me de tão honrosa incumbencia, como costuma dizer-se, mas sinceramente, sinto que a minha penna não dá penas em ser tão pouco de geito para trabalho, que requer subtilidades e finos primores d'arte, a inspiração genial d'um poeta de raça ao serviço d'um estylista elegante e opulento.

Pois se o rancho era . . . de lavradeiras, e tão lindo, tão vistoso e alegre!

Rostos meigos de juventude aurea, ou pequeninos semblantes d'infantil expressão, n'esse bello rancho diffundiam brilhos serenos d'uma alegria simples, ou fulgurações fremitosas d'um jubilo transcendente!

Que eu surpreendi olhares! . . . ai que olhares! . . . D'aquelles que saem d'olhos que . . .

«fazem coisas . . . dizem coisas . . .

Mas não era para mim, não se fitavam nos meus, e com bem magoa o digo! . . .

Mas, enfim, nem todos nascem para os grandes gozos e já não foi pouco poder contemplar esse lindo rancho, tão vistoso e alegre, de lavradeiras pelo trajado e tudo o que ha de mais senhoril nas linhas flexuosas e finas dos talhos gentilissimos, onde havia requintes d'elegancia e distincções supremas de rainhas.

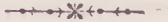
Muito vermelho, porém, mas, bem se entende, vermelho na côr berrante do *travesti* de camponezas d'Areosa, que dava particular realce aos meigos rostos de juventude aurea, ou pequeninos semblantes d'infantil expressão, que assim lembravam lyrios brotando dos calices de papoulas.

Ai! o rancho, o rancho das lavradeiras!

Eil-o ahi fica archivado como a nota mais suggestiva, a unica d'apreço, do carnavalesco passado.

A photographura d'elle dirá alguma coisa, que as minhas palavras servem apenas para . . . preencher a *chronica ligeira*.

M.



Erratas

Devido á pressa com que se fez a revisão do 1.º n.º d'esta *Revista*, quasi todos os artigos publicados sahiram carregados de erros typographicos. Pedindo d'isto muita desculpa aos nossos illustres collaboradores e leitores, promettemos fazer todo o possível porque taes casos se não repitam.

Estava disposto a escrever uma historia tumular. E' uma velha historia que se prende algo com a existencia de uma pessoa que conheci, e que poria talvez arrepios na espinha de algum dos leitores do *Barcellos-Revista*.

Não appareceriam espectros a vagabundear n'um espaço negro, e a horas mortas da noite, mas evocaria apenas a visão de um amigo, para que elle contasse a tal historia lugubre, que iria levar uma impressão funerea á alma delicada do leitor sensivel.

Lembrei-me porém de que esta *Revista* contava no numero dos seus leitores algumas almas femininas, e desisti do intento.

E' que as almas femininas são impressionantes e volueis detestando superiormente os momentos de mau humor, e amando sobretudo a canção ligeira, as valsas estonteantes.

Não contarei, pois, aquella historia funebre. Bastam-me as impressões que eu colho ao relembrar-me d'aquellas passagens fatidicas, para que a minha penna se recolha em recatado silencio, como donzella pudibunda aos olhares intensivos do amante.

Projecto então escrever uma historia alegre para desfazer estas impressões, que, não obstante serem tristes, eu recordo ainda com magua e saudade.

Foi ha tanto tempo! E o tempo é um dos mais poeticos factores da saudade e da *rêverie*.

O prazer só é grato depois de esquecido; não digo bem: só é grato depois que os detalhes escaparem, e que as nossas formas se desenham vagamente na memoria.

Parece que uma gaze feminina se estendeu sobre aquelles momentos deliciosos, em que o espirito se alheou de si mesmo e perdeu as noções das cruas realidade da vida.

Mas estou a vêr que fugi do assumpto. Perdõem, e reatemos de novo.

Projectei, pois, attentas estas condições, escrever uma historia alegre.

Era um conto pequeno, que uma vez me referiram em momentos de jovial camaradagem, e que me fez gargalhar até ás lagrimas.

Não extranhe, leitor: as lagrimas juntam-se muitas vezes á alegria, para assim nos dar a perceber que este mundo é um verdadeiro contrasenso.

Chorei, pois, com tanta alegria que o comico da historia me havia despertado.

Aquellas lagrimas eram lagrimas automaticas, se quizerem, mas eram lagrimas, embora viessem misturadas com o riso.

Ora eu não gosto de fazer chorar ninguém. Lembrei-me por isso de que o leitor feminino, sempre sensivel, ao contar-lhe em aquella historia alegre, poderia rir

Bem perdido

tanto, que esse riso lhe provocaria tambem uma abundante secreção das glandulas lacrimaes.

Desisti portanto da historia alegre.

O homem que se dá ao trabalho de escrever para outros, vê-se muitas vezes embaraçado com este genero de difficuldades.

Deve-se ter muito cuidado em attender ao temperamento dos leitores.

Enquanto o não conhecer, deliberei escrever só . . . para mim.

Depois é que eu escreverei para os temperamentos dos outros, porque respeito muito a sensibilidade dos nervos, sobretudo . . . femininos

TCHI-FU.

A' redacção do "Barcellos-Revista,,

PRENDEM-ME a Barcellos, e gostosamente, laços indissoluveis e as mais immarcessiveis recordações, e cultivo e avivo eu aquelles e estas com carinhosa solicitude e o egoismo, até, proprio d'um velho e n'elle desculpavel, de não perder, e anciosamente aproveitar, todos os raios de sol que possam aquecer-lhe os derradeiros e enregelados dias da existencia.

Foi ahi, n'essa formosissima villa, tão bem dotada pela natureza como rica de gloriosas tradições, que eu constitui familia e que, contente e satisfeito, vi ir-se estreitando cada vez mais em suave e seguro enlçamento a união celebrada, com os novos e apertados liames do nascimento de meus filhos; foi ahi que eu nasci para a vida publica e passei os dias mais venturosos da minha vida.

Quero, pois, a Barcellos como a uma segunda patria, que para mim o foi quasi sempre e gentilissima, sendo a dos entes que mais caros me têm sido e são.

Interesso-me, pois, por tudo o que lhe respeita, e não foi sem alvoroço que ao mesmo tempo que me chegou a noticia da publicação do *Barcellos-Revista*, me veio honrosissima carta para n'ella collaborar.

Acceitei-o, é bem de vêr, que possivel ao meu animo não era o recusal-o, e recebendo hoje o 1.º n.º do querido e estimavel quinzenario, apresso-me a saudar sua vinda a lume e a formular votos bem sinceros por que, no desempenho de seu acceitavel e applaudivel programma, elle consiga illustrar os fastos da sua formosa séde e viver facil e festejadamente longos annos.

A minha modestissima collaboração em cousa alguma accendrerá a valia e meritos do *Barcellos-Revista* e antes, por certo, os obumbrará e diminuirá, mas servirá, quando falte original, para como que «um não chega», e procurarei tornal-a variada, quanto possivel a dentro da orientação que presidiu e por sem duvida norteará sempre o novo e bemvindo periodico.

Lisboa, 1 de março de 1909.

RODRIGO VELLOSO.

Quando me a leda infancia despontava,
Essa mimosa e bella e doce idade
Que a mente de visões me povoava ;

Quando na minha loira e curta idade
Nada sentia n'alma, que não fosse
Harmonia, praser e suavidade ;

Quando tudo p'ra mim sorria doce...
Bellezas e praser que tem o mundo
E que aos olhos meus o mundo trouxe ;

Quando então o praser via jocundo
E n'esses verdes annos, sempre lindos,
Me traziam carinho e amor profundo ;

Quantos risonhos bens eu tinha, infindos !
As tristezas e o mal desconhecia
E os dias mais ditosos via vindos.

Como tudo era bom ! Eu nem sabia
Que tambem cá no mundo havia dôres ;
Eu, as dôres julgava-as utopia...

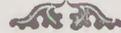
Bem depressa, porém, os vãos fulgôres
Deixaram de brilhar no rosto meu,
Qual não brilham no chão as murchas flôres.

Tudo foi ; tudo em mim desappar'ceu :
Prazeres, visões, dias de bonança...
Já tudo um negro véu escureceu.

Voaram-me os bons sonhos de creança !..

(Inedito).

ALVARO PINHEIRO.



DE RELANCE

NÃO tem sido, felizmente, improficuo, o trabalho das briosas commissões que tem promovido a realisação das nossas tradicionaes festas de Cruzes que, estamos convencidos, n'este anno deverão effectuar-se com desusado esplendor, não só pelo modo como a digna commissão tem iniciado os seus trabalhos, mas tambem pelo entusiasmo que já se nota em todos os barcelenses, os quaes não negam o seu leal apoio a esse grupo de patriotas que incansavelmente se dedica, com amor, á realisação das conhecidissimas festas de Barcellos.

A' frente d'elles e trabalhando com extraordinario empenho, vê-se o nobre Conde de Villas Boas, illustre official da armada e administrador do concelho que, a pedido da briosa direcção da Associação Commercial, organisadora da commissão, acceitou o logar de presidente d'honra do grupo dos promotores das festas de Cruzes.

A digna Associação Commercial tem,

ultimamente, desenvolvido grande actividade em prol dos interesses da nossa linda terra. Ha pouco, ella pediu ao ministro das obras publicas a ampliação do edificio da estação do caminho de ferro, que não tem, actualmente, as necessarias dependencias para se fazer uma confortavel sala d'espera para os passageiros, nem as acommodações precisas n'uma estação de tanto movimento como a nossa é. Muito folgaremos que o ministro attenda tão justa reclamação e defira tambem, o pedido que a mesma illustre Associação lhe fez para ser melhorada a viação publica do nosso concelho, a qual se encontra n'um estado de veras lastimavel.

Não foi tambem fóra de proposito, o pedido dirigido pela nossa vereação ao ministro do reino, no sentido de serem creadas escolas em algumas das 96 freguezias do nosso concelho, pois que as que ha actualmente não satisfazem as exigencias da grande população do maior concelho do paiz.

Ha, porém, muito mais de que tratar: — A substituição da actual illuminação publica, que ainda é a petroleo, por illuminação electrica ou a gaz d'incandescencia, o que é de grande necessidade. De resto, nós temos ahí a Grande Fabrica de Serração de que é socio gerente o illustre amigo de Barcellos sr. D. José Domenech, que, se bem cremos, em boas condições poderia fornecer energia electrica para a illuminação publica e particular. E se a digna camara tratar do assumpto, consultando sobre a abertura do concurso o sr. D. José, é muito possivel que ella consiga dotar Barcellos com tão necessario melhoramento, no que merecerá o louvor de toda a gente.

Constou-nos que um grupo de *afficionados* d'esta villa vae realisar uma *garraia* na nossa confortavel praça de touros, onde tambem se realisarão, no proximo mez de maio, duas magnificas touradas. E tambem nos disseram — mas não acreditamos... — que, nos exercicios que elles teem tido para poderem *fugir* rapidamente á *furia* de qualquer *garraio* mais atrevido, saltando *lestos* a trincheira, teem soffrido os seus *alegres trambolhões*. Isto, se é certo, não os desanimará, porque são *espinhos do officio*.

Que prosigam e deem luta aos *garraios* no 4.º domingo d'este mez, como dizem, é todo o nosso desejo. E já que a penna nos fugiu para *divertimentos*, ahí vae outro, em projecto:

A *rapaziada elegante* do «Grupo Gil Vicente», vae ensaiar uma escolhida peça para ser posta em scena, no nosso theatro. O «Grupo» tem bons elementos e precisa, na verdade, quebrar o *dito* de que aquillo está a afundar-se. E é dar-lhe, que o mundo são dois dias!

«Barcellos-Revista», está á venda no «Centro de Novidades», d'esta villa.

DE LOUIS PAYEM

A CARTA

Tradução de Herculano Nunes.

NEVAVA ha dois dias. Toda a pequena villa tinha o aspecto d'uma velha dama que se esquecesse de tirar o seu barrete de dormir, e havia pelas ruas esse silencio extraordinario que parece nunca mais volta a ser perturbado pela vida. Os velhinhos, que caminham curvados ao peso dos annos como troncos de videiras carregados de fructo, diziam, meneando a cabeça, que não se recordavam de semelhante tempo desde que enrolavam recordações no fuso da sua memoria...

Eram sete horas da manhã. Um dia enevoado entrava na estação do correio de Anduzon, onde o tio Lauriet dividia a correspondencia. O fogão, acceso ha pouco tempo, dava uns estalidos amigaveis e, de vez em quando, o Lauriet olhava pelos vidros tocados levemente pelas brancas borboletas do céu.

—Que tempo!... murmurou. Isto não acabará de cahir!

Voltava á sua tarefa assobiando a meia voz uma canção regimental. Já não era novo o tio Lauriet. Approximava-se dos sessenta, mas ainda conservava o olhar vivo, as pernas fortes e não receava ninguem para a resistencia. Antigo sargento, endurecera á sua pelle ao sol da Algeria, e quando regressara, acabado o tempo, o deputado do departamento arranajara a sua nomeação para carteiro rural em Anduzon. Logar um pouco penoso, certamente, porque precisava todos os dias de fazer uma caminhada de trinta kilometros para alcançar as propriedades espalhadas na montanha, as cabanas penduradas em pontos impossiveis, como ninhos de aguiá; mas apesar d'isso Lauriet estava orgulhoso com o seu emprego.

Tinham na preferido a todos os outros concorrentes, era empregado do governo e o capacete do seu uniforme garantia-lhe uma certa consideração entre os habitantes da villa. Envelhecera pouco a pouco, juntando os kilometros aos kilometros como os annos aos annos, com o seu pau nodoso na mão, levando atravez dos campos as esperanças, as tristezas, as alegrias... E' verdade que andava agora um pouco menos depressa que antigamente, regressava mais tarde, mas era ainda muito capaz de fatigar qualquer fedelho pimpão...

A porta da estação abriu-se; era a encarregada do correio.

— Bons dias, tio Lauriet...

— Bons dias, senhora Damiel...

— A neve continua a cahir...

—Que tempo aborrecido!
 —Já sabe o que eu lhe disse hontem, tio Lauriet, pode descançar hoje e não dar a volta do costume... Com tanta neve seria uma loucura pôr-se a caminho...
 —Obrigado, senhora Daniel...
 —Assumo toda a responsabilidade...
 —Bem, bem... havemos de ver isso!...
 Pegou n'um pacote de cartas e, machinalmente, distribuía-as segundo a ordem habitual. Recordava-se de que na vespera, realmente, acabara a muito custo a sua caminhada. Enterrava-se na neve, e apesar das botas altas, apesar do capote, o frio penetrava-o, gelava-lhe o sangue. Certamen-

—E' por causa d'essa carta?...
 —Justamente... E' para a velha Ducasse, do seu neto Pedro que é soldado na Indo-China e de quem não recebe noticias ha coisa de quatro mezes... Agora vae para trez semanas que está doente e que se extingue, a pobre velha, como uma lampada sem azeite. Quer que eu vá todos os dias a sua casa e pergunta-me: «Ainda nada, tio Lauriet? — Nada, senhora Ducasse, talvez venha amanhã — Ah! amanhã, quem sabe se ainda estarei viva!» Então a senhora comprehende, agora que ella tem uma carta...

—Lembre-se Lauriet, de que os Ardets



ECHOS DO CARNAVAL — «Ah! o rancho das lavradeiras»

te era melhor ficar em casa, fumando o seu curto cachimbo que espalhava pelo espaço um fumo cheio de recordações. Mas, subitamente, estremeceu.

N'um envelope um pouco sujo e amarrado estava escripta em pessima letra a seguinte direcção: «Senhora Nicolas Ducasse, Ardets, por Anduzon». Tinha um sello da Indo-China. O tio Lauriet mostrou a carta á encarregada e disse:

—E' preciso que eu vá dar a volta do costume...

—Está doído, tio Lauriet...

—Desculpe, senhora Daniel, hei-de sahir-me bem da tarefa...

são o ponto mais distante da sua jornada...

—A Maria, uma visinha que a trata disse-me hontem que ella não passaria de hoje, e se não vou lá e a pobrezinha apparece amanhã morta, ficaria com um remorso para o resto dos meus dias...

A senhora Daniel refletiu um instante:

—Pois bem, tio Lauriet, faça como quiser, já que se trata do cumprimento d'um dever... Dê-me a sua cabaça, vou enche-la de aguardente. Dá-lhe forças e ao mesmo tempo aquece-o...

—Obrigado, senhora Daniel...

Esta sahio e voltou quasi logo. O cartei-

ro embrulhara-se n'uma capa grossa, das que os pastores costumam usar contra a furia invernal. Tomou a cabaça que a encarregada lhe estendia, agarrou no seu pau e abriu a porta, dizendo:

— Até á vista, senhora Damiel . . .

A neve continuava a cair, incansavel e monotona. Passou alem das ultimas casas da villa. Tudo se confundia sob uma espessa camada branca. Apenas as arvores, transformadas em vultos phantasticos, indicavam o caminho. O tio Lauriet avançava lentamente. Parecia o unico sér vivo n'aquella estranha immensidade. Via-se obrigado a subir ás altas collinas que escondiam o ceu da parte norte da villa. De tempos a tempos, parava um segundo para respirar, porque o vento fustigava-lhe o rosto. Pensava:

— E' bem verdade que n'este tempo nem um inimigo se póde mandar para a rua . . .

Mas lembrava-se logo da pobre velha que agonisava no seu leito e que esperava a sua ida com a anciedade do desespero. Então assobiava ao vento a sua costumada canção, humedecia os labios com um gole de aguardente e punha-se outra vez em marcha. O scenario tornava-se mais rude, mais selvagem. Um momento chegou a acreditar que ia morrer, sepultado pela tormenta. Encheu-se de toda a sua energia, ergueu-se, transpoz a passagem difficil . . . Enfim, encontrou-se nos Ardets. Era uma pequena aldeia de quatro ou cinco casas, n'uma curva da montanha. A casa da Ducasse era a primeira. Bateu; tinha a barba cheia de geada.

— Meu Deus! disse a Maria, abrindo a porta . . . é o senhor, tio Lauriet? com esta neve . . .

— E' verdade, como vae a Ducasse? . . .

— Bem mal, coitadinha . . . quasi no fim . . .

Na sombra do quarto, em cima d'uma cama, pela abertura dos cortinados de sarja verde, distinguia-se um perfil cavado e macilento. Uma voz fraca, sibilante, ergueu-se:

— Quem está ahí?

— É o carteiro, senhora Ducasse . . . esteja descançada . . .

— Ah! o carteiro . . . Traz-me alguma carta do pequeno?

— Trago-lhe alguma coisa que lhe agradará muito . . .

— Elle escreveu! . . .

Tentou levantar-se. Estavam ambos juntos da cama.

— Deixe-me vêr a carta . . .

Lauriet collocou-a entre as suas mãos tremulas. A velha acariciou-a meigamente, cahiu outra vez sobre o travesseiro, dizendo:

— Leia-a! . . . leia-a! . . . quero saber o que me diz . . . já me sinto com forças . . .

A visinha inclinou-se para Laurite:

— Parece que vae passar! . . .

O carteiro pegara na carta. Abriu-a e leu vagarosamente: «Minha querida e boa mamã. E' para te dizer que estou no hospital ha dois mezes. Tive as febres malignas e pouco faltou para morrer . . . mas estou agora curado. . .»

Ouviu-se um suspiro commovido, terno, como o de uma alma que voasse n'um extase. . . A visinha gritou:

— Ducasse! . . .

Inclinou-se:

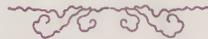
— Está morta! . . .

— A pobre velhinha! disse Lauriet.

Ficaram um momento immoveis, junto do leito, a contemplar o rosto da morta, d'onde parecia ter fugido todo o soffrimento e que irradiava uma alegria profunda e calma. Lauriet embrulhou-se na capa, pegou novamente no pau:

Ao menos, exclamou, morreu feliz! . . .

E partiu por entre o temporal, tendo-lhe desaparecido o cançasso, enquanto que os flocos de neve cahiam no seu corpo como plumas brancas arrancadas ás azas dos anjos funebres . . .



PERFIS MASCULINOS

II

E', tambem este, moreno,
Estatura regular;
Bigode negro, pequeno,
Porte altivo, *nobre* olhar.

No jardim cultiva *amores*
Com persistente afeição;
Tão viçosas lindas flôres
Captivam-lhe o coração!

Estudava p'ra da guerra
Vir a ser féro caudilho;
Estimado aqui na terra,
Mas não de Barcellos filho.

Tem *muito* que pouco monta.
Fez um papel *d'eminencia*.
Espera, pois lhe faz *conta*,
Uma boa transferencia.

Diz ser d'um santo parente
Que tem ao collo um *menino*;
E vive do rio em frente:
Tem perto capella e sino.

Tem por caça paixão cega;
E' na mira mui certoiro,
E, finalmente é collega
Do perfilado primeiro.

DOIS AMIGOS.

